

Narrativas Interativas no Cenário do Jornalismo Audiovisual Contemporâneo¹

Ana Luiza RIGUETO²

Kátia Augusta MACIEL³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A incorporação da internet no cotidiano influi não só nas relações humanas, mas no modo de elaborar, disseminar e consumir conteúdo. A pesquisa traça um panorama da criação e veiculação de narrativas interativas, os webdocumentários, nos meios digitais da atualidade. Busca-se identificar qual a relevância e o espaço que obras dessa natureza ocupam no âmbito da produção jornalística audiovisual brasileira.

Palavras-chave: webdocumentário; jornalismo; audiovisual; contemporâneo.

Introdução e definição

Tela de pintura, fotografia, cinema, televisão desembocaram nas “caixas-pretas” tecnológicas dos computadores, tablets e smartphones. Caixas-preta aqui: uma, a caixa preta da fotografia, o lugar primeiro da reprodução de imagens; a segunda, a do sistema registrador de dados de aviões. Novas janelas imagéticas foram abertas com o advento da internet. Ao falar em webdocumentário, local em que imagens reproduzíveis e dados estão juntos, se tem a reunião, ou o desdobramento, dessas caixas-preta. É quase senso comum que a internet e os novos dispositivos eletrônicos modificaram a forma como percebemos e consumimos informação.

Os aparelhos são as novas ferramentas da humanidade, que transformam as formas preponderantes de comunicação, trazendo com isso modificações radicais na cultura e no pensamento. [...] a irradiação em espiral das imagens produzidas através desses aparelhos, como modo de transformação e organização da cultura: as chamadas imagens técnicas: “O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas, e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo.” (FLUSSER *apud* PAZ&SALLES, 2013)

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação. 8º semestre do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, e-mail: analurigueto@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Rádio e TV da ECO-UFRJ, e-mail: katia.augusta@eco.ufrj.br

A disponibilização de produções audiovisuais, por exemplo, pode ser instantânea na rede, caso seja esse o intento. Empresas como Netflix disponibilizam por *streaming* filmes, série e outros produtos audiovisuais originais que podem ser acessados de qualquer dispositivo com conexão à internet. Programas como o Popcorn Time, que é gratuito, disponibilizam um catálogo de produções audiovisuais para assistir online direto de arquivos de Torrent. Ou seja, basta ter um aparelho conectado à rede para acessar, de qualquer lugar, filmes, séries, vídeos etc.

Com a expansão da possibilidade de produzir e divulgar conteúdo, a quantidade de produções informais e profissionais feitas especificamente ou não para circular na rede cresceu. Desde relatos e queixas em redes sociais ao midiativismo colaborativo, *youtubers* que tornam-se celebridades e canais da mídia tradicional hospedados na rede. Em meio a esse fluxo, chama a atenção um tipo de produção, especificamente voltada para a web, os documentários interativos, conhecidos como “webdocumentários” ou simplesmente “webdocs”.

Há certa confusão em torno desse neologismo. Por baixo do guarda-chuva das narrativas transmídia encontram-se: o webdoc, as webséries, as reportagens multimídias, as exposições online, dentre outros. Faz-se necessário, portanto, esclarecer o que entendemos por webdoc, o objeto de estudo deste artigo, e analisar o lugar que esse tipo de produção está ocupando no cenário do jornalismo audiovisual contemporâneo.

É possível apontar paralelos entre o cinema documentário e o webdocumentário para além do registro da realidade. Não está incorreto afirmar que o primeiro é um gênero que lida com o acaso e a imprevisibilidade: “a regra ética e artística do cinema documentário é de preservar o caráter imprevisível dos eventos” (LIOULT *apud* PAZ&SALLES, 2013). Além disso, é possível dizer que os documentários, em sua origem, eram transmídia na medida em que utilizavam-se do registro fotográfico e também fílmico em suas expedições exploratórias (RENÓ, 2013). No que concerne às diferenças, observa-se que no cinema documentário “a obra é finalizada antes da recepção”, enquanto o “webdoc” demanda participação física do espectador.

Se o documentário linear demanda uma participação cognitiva dos seus espectadores (frequentemente vista como interpretação) o documentário interativo adiciona a demanda de alguma participação física (decisões traduzidas em um ato físico como clicar, mover, falar, teclar etc...). Se o documentário linear é feito de

vídeo, filme, o documentário interativo pode usar qualquer mídia existente. (GAUDENZI *apud* LEVIN, 2013).

Por ser um produto pensado para web, propõe uma interface ao invés da tela, e por meio dessa interface possibilita que o espectador interaja com a obra. Através da manipulação direta com a interface, os espectadores de um webdoc tornam-se interatores. “A interatividade é a relação que une as pessoas ao conteúdo. A interface é o dispositivo que permite o controle e o acesso ao conteúdo” (PAQUIN *apud* PAZ&SALLES, 2013).

Apesar de um produto interativo especificamente pensado para a web, se difere de um “portal multimídia” de variedades ou notícias: cada webdoc costuma ter um design único e um tema fechado e específico, mesmo que seja composto por episódios – unidades de conteúdo agregadas. Em suma, é um documento multimídia, de narrativa não linear, com tema específico aprofundado e interface interativa.

Narrativa e do conteúdo

Pode-se dizê-lo como um banco de dados visual e informacional, os metadados convertidos em uma interface interativa. O espectador-ator-agente tem diante dos olhos não códigos de um sistema, mas informações postas de modo a permitir um entendimento fluido, porém não preestabelecido. Ao espectador é dada a liberdade de escolher o que assistir, em qual ordem e por quanto tempo.

No que concerne ao assunto dos webdocs é possível comparar seus temas aos tratados em documentários tradicionais e em etnoreportagens. Além de vário, aprofundado e específico, quase sempre é não-ficcional. Há webdocs sobre petróleo, sobre o Rio de Janeiro, sobre graffiti, sobre tragédias naturais no Haiti, sobre a construção de uma catedral francesa etc. A diferença é que o espectador é autor na medida em que determina os cursos da narrativa quando escolhe interromper ou prosseguir em outro ponto, comenta ou colabora com conteúdo próprio.

No webdoc, a narrativa é interativa e não-linear, passível de mudança de curso pelas mãos de quem navega. Em termos narrativos, tem-se um documento online cujos conteúdos têm ligação temática entre si. Vídeos, fotografias, gráficos, ilustrações, áudios, espaço para comentários e para contribuições tornam possível tratar o tema de forma detalhada e

interativa. O espectador não está passivo. Há uma mudança no estatuto do espectador-observador para o espectador-ator-observador.

Pode-se arriscar dizer que do observador do século XVIII, que experimentava a visão pelo tato, ou seja, tocava para guarnecer o sentido da visão, para ver precisava tocar, houve uma transição para o observador do século XX, que experimentava o tato pela visão, ou seja, bastava que recebesse a imagem para crer que era tangível, verdade; e agora temos o observador que *toca* imagens através de um *layout*, e assim, nessa sinestesia contemporânea, percebe o mundo.

Um bom exemplo para ilustrar esse argumento é o “Webdoc Grafitti”. A obra apresenta um panorama da arte urbana na cidade de São Paulo, através de vídeos, fotografias, mapa interativo com recursos de *street view* do Google, *tags*, filtragem temática e possibilidade de compartilhamento de todo conteúdo em redes sociais. O objetivo, segundo os criadores, é dar voz aos artistas e ao público construindo coletivamente uma nova percepção:

A orientação particular dada sobre o tema, contrariando aqueles que condenam o grafite como poluição visual – afirma que essas inscrições constroem e valorizam os espaços, fazem-nos perceber novos elementos, contam enredos de diferentes subjetividades e vivências cotidianas, não necessariamente comprometidas com a história oficial (<http://doctela.com.br/webdoc/webdoc-graffiti/>).

Esse exemplo nos ajuda a perceber que o tratamento do conteúdo em um webdoc se dá de forma plural, ou seja, há várias vozes ali reunidas e há ainda a possibilidade de inserção da voz do espectador-ator-observador, que passa a ser também produtor. Há, no entanto, um controle dessa polifonia, pois a obra requer atualização e gerenciamento para se manter online e coerente, podendo o realizador filtrar o que será disponibilizado.

Produção de um webdoc

Não há um modelo padrão para se fazer um webdoc, que tanto pode ser feito por uma pessoa só como por uma equipe multidisciplinar: jornalista, designer, programador, ilustrador etc. Para facilitar o processo e torná-lo mais autônomo, existem programas que permitem ao idealizador do webdoc prescindir de um programador. O Korsakov é um exemplo. Tem interface e recursos básicos, é gratuito e serve a produções de *layout* simples.

Outro programa é o Klynt. O custo de sua aquisição varia entre 149 e 2.499 euros. Pode ser comparado a um editor profissional de vídeos ou imagens, só que para webdocs. Tem recursos e possibilidades mais amplas que o Korsakov, gerando *layouts* de maior complexidade. Geralmente as equipes formadas por um número maior de integrantes contam com programadores e designers para a web.

Há duas produtoras brasileiras de maior destaque no ramos de webdocumentário: a Cross Content e a Doctela. A Cross Content é uma empresa de consultoria de comunicação e de produção de conteúdo multiplataforma, fundada em 2001 por Marcelo Bauer em conjunto com Andréia Peres, ambos jornalistas. Realiza projetos de websites, vídeos, web séries, impressos e, também, webdocumentários.

Marcelo Bauer é criador da iniciativa *Webdocumentário* e diretor de quatro webdocs: *Fora da Escola Não Pode!*; *Rio de Janeiro – Autorretrato*; *Filhos do Tremor – Crianças e seus Direitos em um Haiti Devastado*; e *Petróleo – Combustível da Vida*. Destes, *Rio de Janeiro – Autorretrato* venceu o prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria Internet em 2011; e *Filhos do Tremor – Crianças e seus Direitos em um Haiti Devastado* recebeu menção honrosa no mesmo prêmio, no ano anterior.

O webdoc *Autorretrato* é composto por outros dois produtos independentes: um curta destinado a ser exibido no cinema e um média-metragem para a TV. A obra mostra os pontos de vista de três fotógrafos moradores da favela da Maré sobre seus trabalhos, o lugar onde vivem e a sociedade, enfatizando a diversidade de abordagens dos relatos e o uso político e social da fotografia. A equipe do webdoc é composta de nove pessoas, com membros na direção, direção de imagem, edição, trilha sonora, captação de som, design e desenvolvimento web e texto.

O webdoc sobre o Haiti, também dirigido por Bauer, retrata a forma como as crianças foram afetadas pelo terremoto de 2010. Conta com imagens gravadas por ONGs e agências da ONU, e há especificado nos créditos da equipe “mapas” e “*actionsript*”. Em ambos os webdocs, há uso intensivo de fotografias como recurso narrativo, uma introdução que apresenta a produção mas que pode ser pulada, produtos gráficos, como mapas, que complementam as informações dos vídeos, e a possibilidade de navegar livremente, por

uma ordem que, apesar de estar sugerida, não é obrigatória. E os assuntos tratados têm cunho social, político e emocional.

A Doctela – Mídia e Comunicação é outra produtora brasileira que se dedica à linguagem dos webdoc. Foi formada em 2011, por quatro sócios egressos do curso de Midialogia da Unicamp, que tem por objetivo desenvolver, produzir e distribuir conteúdo audiovisual e multimídia inovador de alta qualidade. A Doctela, como a Crosscontent, é sediada em São Paulo e elas realizam parcerias em suas produções.

O webdoc *Graffiti*, dirigido por Giovanni Francischelli, um dos fundadores da Doctela, foi lançado em série, um a cada mês, durante um ano. As edições tinham em torno de treze minutos cada, divididos em unidades menores (blocos). Esse cronograma – um episódio por mês – serve para indicar que provavelmente há um envolvimento íntimo e bem orquestrado dos membros da equipe - produção, cinegrafia, montagem, direção, texto, ilustração, design, programação etc. A obra sendo resultado de um trabalho colaborativo de uma equipe que se difere das equipes de cinema tradicional: menos numerosa, mais independente, prática e relacional. O produto pronto é posto em circulação logo em seguida, a distribuição é gratuita e universal.

Outro webdoc de produção da Doctela é o *Se Eu Demorar uns Meses*. O filme se utiliza de linguagem dramaturga e cinematográfica, além de atores, para representar acontecimentos reais se valendo da interpretação de textos inspirados nas memórias e histórias de presos políticos opositores ao regime militar. Foi gravado no Memorial da Resistência, antigo prédio do DOPS-SP (Departamento Estadual de Ordem Política e Social). A intenção dos vídeos é resgatar a memória do período, de forma emocional. Este é um exemplo de k-filme, ou seja, um documentário interativo e não linear desenvolvido a partir do software Korsakov.

Webdoc e o público

O público conhecedor dessa modalidade narrativa é restrito. Na maioria das vezes, pessoas ligadas à Comunicação Social com interesse em web e novas narrativas. Ou, ainda, interessados pelo tema tratado no webdocumentário descobrem-no por meio de pesquisa. Apesar da rede ser o lugar da disponibilização e do compartilhamento de conteúdo, há

“guetos” de isolamento, pouco conhecidos, pouco explorados, como que destinado a um público restrito. Os webdocs estão entre os que ocupam esse espaço.

A interatividade, a possibilidade de interromper conteúdos, navegar, começar pelo fim, intervir, contribuir, comentar, compartilhar convergem para a reprodução, apesar de em um espaço delimitado pelos idealizadores/produtores do webdoc, do espaço multimídia, não-linear e infinito da web. E, de forma semelhante a como se dá na web, concede a quem navega a responsabilidade sobre o conteúdo que acessa.

Nos webdocs, diferentemente do que ocorre em exibições lineares, é demandado do espectador que participe da construção dos percursos narrativos da obra. O que suscita, em um primeiro momento, em medo de navegar: o que escolher, por onde começar? ao selecionar aqui, será que não perco o sentido do discurso?, pensa quem navega. Será que se eu selecionar o último quadro, poderei voltar ao início? Há início?

É possível dizer que a narrativa não-linear, participativa, causa um desconforto inicial, um medo de perder-se, uma busca pelo início, pela semelhança às narrativas tradicionais, entregues já finalizadas ao público que se limita a interpretá-las. Nos webdocs, o público, já não tão somente público, vê-se compelido a fazer escolhas. “E se eu errar? E se eu fizer o caminho errado?”

Para atenuar esse desconforto inicial, muitos webdocumentários são pensados com layout e narrativa didáticos, sugerindo um início e o percurso a ser seguido. Por exemplo, o jornal britânico Wall Street Journal, tem em seu primeiro webdoc, o *Prescribed – A personalized tour of Obamacare*, lançado em julho de 2013, uma espécie de tutorial que explica a fórmula ao público. O webdocumentário *Filhos do Tremor* também tem o layout bastante didático. No player dos vídeos estão indicados os conteúdos, e os quadros temáticos, postos em ordem aparentemente linear, estão à escolha do espectador-autor de forma mais palatável.

O público dos webdocumentários é de tal forma restrito e, por isso, seus espaços pouco localizáveis pelas buscas online, que se faz necessário relevar, além de quem produz, para quem produz. No Brasil, a maioria dos webdocumentários é produzido de forma independente e desvinculada dos grandes portais de mídia tradicional, o que, talvez, mantenha o público afastado do formato.

O primeiro webdoc lançado por um grande portal no país foi o *Petróleo, Combustível da Vida Moderna*, produzido pela Cross Content para o Portal Ig, em 2011. Em 2013, a plataforma online do Globo Esporte lançou o especial *Maracanã – Um mergulho na história do maior estádio do Brasil*, não exatamente um webdoc mas com recursos semelhantes, como infográficos. Apesar de chamado de documentário, o estilo assemelha-se ao de uma reportagem televisiva, inclusive incorporou reportagens antigas à narrativa.

O que está sendo produzido e por quem

Com a exceção da habilitação em Midialogia da Unicamp, os cursos universitários de Comunicação Social mantêm grades mais voltadas ao jornalismo e ao cinema tradicionais, e introduzem algumas disciplinas voltadas para novas mídias e linguagens. Na Unicamp, há, por exemplo, a disciplina Tópicos Especiais em Internet/Multimídia, cuja a ementa é “Desenvolvimento de produtos para ambientes virtuais na Web. Integração das mídias e suas possíveis convergências. Desenvolvimento dos aplicativos de multimídia”.

Outros exemplos de disciplina da habilitação Midialogia são Web/Internet (“Conceituação técnica e a terminologia utilizada no desenvolvimento de produtos voltados para Web Internet. Discussão sobre a estética nos produtos desenvolvidos para Web Internet, bem como a eficiência dos mesmos”) e Multimídia (“Compreensão da integração das mídias e suas possíveis convergências. Fundamentação voltada ao desenvolvimento dos aplicativos de multimídia. Análise e discussão das concepções de hipermídia. Avaliação das implicações cognitivas e no campo do conhecimento dessas tecnologias”).

Na Escola de Comunicação da UFRJ, a disciplina de Jornalismo relacionada à web é Jornalismo em Mídias Digitais, que trata da cultura do digital, sua concepção e design. Especificamente sobre webdocumentários, apenas o projeto de Extensão TJ UFRJ, do qual a autora deste artigo é bolsista, se dedica a pesquisas do formato. O projeto inclusive produziu um webdoc, o (Des)Ocupações, que trata das ocupações, desapropriações e transformações urbanísticas no Rio de Janeiro. O webdoc em questão foi produzido através do software livre Korsakov.

De modo geral, as grades curriculares não são ágeis em se reciclar e atualizar, por isso, como é o caso dos webdocs, as novas formas de produzir conteúdo chegam por outros

meios que não as salas de aula. Como os recursos tecnológicos são relativamente acessíveis, é comum o autodidatismo através da experimentação. Não há um predomínio de jornalistas de formação especializando-se na linguagem webdocumental, publicitários e designers, comumente usuários de softwares de edição de imagem, vídeo e web, geralmente são presença considerável nessas produções e em seus estudos.

Também é comum que hajam cursos e oficinas ministrados por quem já seja mais versado no assunto, ou seja, ligado a mídias alternativas, com foco na web e experiência em narrativas interativas. Um dos fundadores da Doctela, Giovanni Francischelli, formado em Midialogia pela Unicamp, ministra oficinas de webdoc. O resumo da emente indica o documentário tradicional fornecendo muito do embasamento narrativo e de conteúdo para o documentário interativo:

Introdução ao modelo de webdocumentário com discussão teórica visando a reflexão sobre novas possibilidades nas relações entre documentário e internet. Prosseguimento da discussão teórica com exemplos de projetos diversos que mostrem o webdocumentário como ferramenta alternativa para comunicação. Apresentação de projetos desenvolvidos com o software Korsakow. (https://pt.wikiversity.org/wiki/Oficina_de_Webdocumentário_em_Korsakow/Módulo_1).

Considerações Finais

O termo “webdocumentário” foi citado pela primeira vez em 2002, no festival de documentários Cinema Du Réel. Apesar de países como a França, mesmo portais da imprensa tradicional como o Le Monde, terem iniciativas bastante sólidas no cenário webdocumental, no Brasil, essas iniciativas são isoladas e predominantemente relacionadas a grupos de mídia independente. Ou seja, o desenvolvimento da linguagem e sua popularidade se dão em grupos específicos.

O internauta não está familiarizado com o termo nem com sua forma de fruir conteúdo. Apesar de numerosas abas que porventura acesse simultaneamente, variando de texto a vídeo e ilustração de um segundo a outro, o fato destes estarem compondo uma mesma narrativa, num layout único demandando a influência de suas escolhas para formar o sentido, traz estranhamento, que beira o desconforto.

Ainda não são os cursos de Comunicação Social que apresentam o formato aos estudantes, já que, na maioria delas, as grades curriculares permanecem mais voltadas às

formas tradicionais de fazer cinema e jornalismo. Essas narrativas – reportagem, documentário, cinema – até atualizam-se inovando aqui e ali, inclusive podem ser veiculadas em plataformas online, mas a produção de conteúdo de alta qualidade especificamente voltado para a web ainda enfrenta as limitações impostas a algumas novidades: falta de conhecimento, interesse e divulgação.

A narrativa aprofundada sobre tema específico, feita de forma não-linear e interativa que é a abordagem de um webdoc parece ser a reunião do melhor de dois mundos: histórias bem contadas e a possibilidade de participar, decidir, como elas se realizarão, na tela pessoal de um computador. Mas, ao mesmo tempo, ainda parece que a maneira já conhecida e familiar de navegar na internet e também de assistir a produções culturais se volta para essa nova forma que é o webdoc e diz, com o aval do público: estamos bem assim, ainda não chegou a sua vez.

Aos poucos, essa nova linguagem, a dos webdocs, vai se desenvolvendo e sendo guarnecida por produções de valor, inclusive reconhecidas por prêmios de jornalismo voltados para web, e se desdobrando. Mas o público ainda parece ser bem restrito, os próprios envolvidos nas etapas de sua produção e também na pesquisa do formato. Para além de apontar a fina fatia ocupada pelo webdocumentário no jornalismo audiovisual brasileiro, é possível evocar seu meio, a internet, como fator favorável a sua sobrevivência e fortalecimento.

E tendo um meio favorável, é possível arriscar alguns futuros possíveis para o webdocumentário: o que está sendo produzido até o momento servirá de base para ampliar produções e atingir mais amplamente os usuários da web; o formato permanecerá, mas o conteúdo poderá ser destinado a ficções, ou a materiais institucionais; o público que se interessará por essas narrativas será um público específico, o mesmo que consome documentários e etnoreportagens ou ensaios literários, um público que busca maior aprofundamento em determinados assuntos; ou ainda, com o advento da TV digital, a maneira como o espectador começará a ver televisão mudará, e o padrão passará a ser o do espectador-ator.

Bibliografia

CRARY, Jonathan. Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

LEVIN, Tatiana. Do documentário ao webdoc – questões em jogo num cenário interativo. Doc On-line, Revista Digital de Cinema Documentário, 2013, 71-92p. Em: <http://www.doc.ubi.pt/14/doc14.pdf>.

PAZ, André & SALLES, Julia. Dispositivo, acaso e criatividade por uma estética relacional do webdocumentário. Doc On-line, Revista Digital de Cinema Documentário, 2013, 33-70p. Em: <http://www.doc.ubi.pt/14/doc14.pdf>.

RENÓ, Denis. Diversidade de modelos narrativos para documentários transmídia. Doc On-line, Revista Digital de Cinema Documentário, 2013, 93-112p. Em: <http://www.doc.ubi.pt/14/doc14.pdf>.

RIBAS, Beatriz. Contribuição para uma definição do conceito de web documentário. In: Modelos de Jornalismo Digital. Salvador: Calandra, 2003.

Em: <http://www.crosscontent.com.br/>

Em: <http://webdocumentario.com.br/>

Em: <http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/Content/Swf/home.swf>

Em: <http://www.webdocumentario.com.br/petroleo/>

Em: <http://www.webdocumentario.com.br/haiti/>

Em: <http://doctela.com.br>

Em: <http://www.webdocgraffiti.com.br/info>

Em: <http://www.seeudemorarunsmeses.com.br/>

Em:

https://pt.wikiiversity.org/wiki/Oficina_de_Webdocument%C3%A1rio_em_Korsakow/M%C3%B3dulo_1 Em: <http://graphicsweb.wsj.com/documents/prescribed/>

Em: <http://korsakow.org/>

Em: <http://www.klynt.net/>